

## LEGADO DE VALORES DOS JOGOS OLÍMPICOS: DOS "MEGA" AOS "MICRO" EVENTOS

### LEGACY OF VALUES OF THE OLYMPIC GAMES: FROM THE MEGA EVENTS TO THE 'MICRO' EVENTS

Marcio Turini<sup>1</sup>, Marta Gomes<sup>2</sup>, Ana Miragaya<sup>3</sup> e Lamartine DaCosta<sup>4</sup>

*The Olympic Games carry symbolic power when it comes to the communication of values which are associated with the so many sports practices at different levels. The objective of this text is to present the results of a research on values of sport conducted among worker athletes, which demonstrates that some values which emerge among the workers themselves can be reinforced through the SESI (Social Service of the Industry) Games in Brazil. The result is that the axiological legacy of the Modern Olympic Games which includes, for example, the four-year interval, can add a permanent meaning through actions which aim to the values of sport for both human and social development. This way it is present in various areas, levels of sports and competitive actions from "mega" to "micro" events.*

Mais de cem anos após a inauguração dos Jogos Olímpicos modernos o tema *legado* torna-se cada vez mais um foco central para as discussões, reflexões e práticas relacionadas aos Jogos Olímpicos, seus reflexos e impactos na vida das sociedades, cidades e pessoas. Inevitavelmente, a captação de milhões de dólares e o uso desse montante de dinheiro para investimento num megaevento esportivo conduz à mobilização de diversos setores da sociedade civil em direção à discussão sobre o que "fica" dos Jogos a partir de diferentes pólos de análise e crítica, desde o desenvolvimento urbano infra-estrutural, qualidade de vida e meio ambiente, utilização democrática dos espaços esportivos, voluntariado, conhecimento, desenvolvimento econômico, turismo, e dentre muitos outros, **os valores**.

O legado axiológico, ou seja, de valores dos Jogos, ao contrário do que muitos acreditam, não se restringe ao sentido filosófico-educacional do Olimpismo amplamente divulgado pelas mensagens do Comitê Olímpico Internacional e Comitês Olímpicos Nacionais; ele pode refletir em macro perspectiva, por exemplo, a forma como são pensadas e executadas as estratégias e políticas públicas num determinado país, a partir da administração e controle dos investimentos e verbas na estrutura física do evento, nas prioridades de melhorias das cidades e populações beneficiadas, assim como nas políticas de incentivo e democratização do esporte. Muito podemos falar de valores tomando como ponto de referência esses elementos, o que sem nenhuma dúvida, podem surtir efeitos positivos ou negativos para a imagem de uma nação.

Por outro lado, considerando as formas de apropriação e vivência de valores relacionados ao esporte e à prática esportiva, os Jogos Olímpicos têm o poder simbólico de tornar vivo um conjunto de idéias, princípios e valores. Estes são idealizados para que permaneçam de forma positiva na prática esportiva, refletindo e sendo o reflexo de ações também em nível educacional, como o fair play e o multiculturalismo<sup>5</sup>. Ainda, em consonância com a reflexão do legado de valores, os Jogos Olímpicos representam o ponto de culminância do esporte, de sua excelência, do extremo do sacrifício e da perfeição, da superação de limites, valores muitas vezes até suscetíveis de pertinentes críticas. Entretanto, homens e mulheres

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física e professor do Curso de Educação Física da UNIABEU

<sup>2</sup> Mestre em Educação Física e professora do Curso de Educação Física da UGF

<sup>3</sup> Doutora em Educação Física

<sup>4</sup> Doutor em Filosofia e professor do Curso de Pós-Graduação Stricto-Sensu da UGF

<sup>5</sup> A respeito do legado educacional dos Jogos Olímpicos, conferir Deanna Binder

esportistas que, intencionando ou não, chegando ou não ao cume como os grandes atletas, ressignificam o esporte a partir de formas e sentidos muito próprios e específicos de suas práticas e desejos, logo, excelência, sacrifício e superação ganham múltiplos contornos e interpretações. É o caso de todos aqueles que praticam esportes, sistemática ou sistematicamente, produzindo em nível micro-cultural valores que ganham força social em condições muito particulares.

Pretendemos neste texto demonstrar que, enquanto “megaevento esportivo”, os Jogos Olímpicos possuem força simbólica no que tange a veiculação de valores, não restritamente valores Olímpicos promovidos pela Carta Olímpica, mas exercem uma ação sinérgica para a motivação e manutenção da prática esportiva com sustentação em valores, assim como a multiplicação de formas de práticas esportivas em diferentes níveis de atuação e valores associados a elas. Para tal, faremos uma ponte de análise considerando o legado axiológico dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Olímpicos da juventude, sob as implicações e desdobramentos dos sentidos de Valores **DO** Esporte e Valores **NO** Esporte, com dados de pesquisa qualitativa realizada com 85 trabalhadores-atletas que participam dos Jogos Regionais e Nacionais do Serviço Social da Indústria (SESI). Desta forma configuramos um caminho metodológico que nos permite partir de um “mega” evento esportivo e chegar ao “micro” evento, tendo como fio condutor os valores - vivência e percepção.

### **Valores e Esporte**

De acordo com DaCosta (1989), o termo “valor” como compreensão axiológica é hoje frequentemente definido como uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais e culturais. Na antropologia estruturalista de Radcliffe-Brown (1973), o termo “valor” se refere sempre a uma relação entre um sujeito e um objeto. Nesta relação se estabelece tanto o valor que o objeto tem para o sujeito quanto o interesse que o sujeito tem no objeto. A sociedade se estabelece a partir das relações sociais entre indivíduos, que segundo o autor somente se efetuam quando há interesses convergentes “ou ajuste de interesses divergentes”. Logo, uma sociedade ou grupo social somente pode existir a partir de uma concordância de seus membros individuais com relação ao que seja reconhecido como valor e a uma relativa harmonia de interesses. Para que um objeto tenha **valor social**, necessita-se de que duas ou mais pessoas tenham interesse em comum neste mesmo objeto e sejam conscientes desses interesses, promovendo uma associação entre elas e um ponto em comum que as une (lembrando que num sistema social, pessoas também são objetos de interesse para outras).

Os valores relacionados ao esporte não constituem tema de estudo nem fato recentemente identificado. Em eras passadas, a idéia original era de associar atividades esportivas com educação, criando-se então um vínculo fundador na história do esporte. Desde a Antiga Grécia até a origem do esporte moderno em meados do século XIX, as atividades atléticas e o esporte têm sido considerados importantes elementos de veiculação de influências valorativas entre as pessoas. Os helenos incentivavam, com grande ênfase, a aquisição do valor da transparência moral e do vigor físico (*kalokagatia*), privilegiavam as atividades atléticas como meio de educação, embora não usassem a expressão “valor”, mas apenas “julgamento valorativo”. Ou seja, para os gregos antigos o significado de “valor” não se consistia como um conceito sistematizado como é hoje, mas assumia um sentido de julgamento de comportamento expresso pelo termo “virtude” (comportamento bom, correto, honesto).

Em fins do século XIX, os esportes nas escolas inglesas, o associacionismo esportivo (clubes, federações, etc.) e o Olimpismo (doutrina de restauração dos Jogos Olímpicos na era moderna) lançaram as bases éticas do esporte moderno, o que fez reforçar o nexos valorativo dos helenos. Estes julgamentos de valor, ou ainda virtudes de comportamento, foram restaurados dos antigos gregos para inspirar e promover os valores do esporte moderno como, por exemplo, o “*fair*

*play*” (jogo limpo). Diga-se de passagem, que o *fair play* foi o primeiro e principal valor do esporte moderno formulado até hoje prevalecendo.

Segundo Tavares (1999), “o *fair play*, enquanto conjunto de valores normativos do comportamento individual e coletivo no ambiente da competição atlética, reflete a formulação de um ambiente cultural específico”. Em outras palavras, o *ethos* cavalheiresco de aristocratas ingleses do século XIX está freqüentemente associado ao ideal de um homem nobre, gentil, controlado, honrado e honesto. Logo, temos aqui uma formulação moral para a conduta individual e coletiva na prática da competição esportiva mundial, que tem parâmetros no esporte amador e que se desenvolve num contexto sociocultural bem específico (aristocrático inglês) em consonância com o projeto de desenvolvimento de uma nova sociedade tecnológica, industrial e civilizada.

Caillé (1994), por outro lado, observa que o *Fair Play* como um valor de bom comportamento no jogo não é uma invenção moderna da sociedade, uma vez que pode ser também encontrado, enquanto comportamento desejável, em sistemas de jogos de várias sociedades em diferentes épocas da história humana. No entanto, vimos que o termo *Fair Play* propriamente dito e com suas configurações muito específicas surge e ganha veiculação no contexto do Olimpismo Moderno, e tem, ainda hoje, o papel de referência conceitual da *ética esportiva*, principalmente, nos documentos que regulam o esporte de alta competição. Dessa forma, o *Fair Play* passa a ser considerado um valor **DO** esporte a partir de um movimento de “naturalização” de valores sociais que são incorporados à prática esportiva. Além da normatização institucional das regras esportivas, se estabelece um código de ética universal.

Já no início do século XX, era corrente a expressão “valor” atribuída ao esporte, contudo relacionada às expressões “princípio”, “idéia” e “ideal” em diversas conotações. Uma síntese deste período entre os povos europeus consistiu em se entender o esporte como portador de valores ou “*carrier of values*”, no modo expressivo da língua inglesa (DaCosta, 2006). Podemos inferir que existem **princípios** inerentes ao esporte, como competição, *performance* e excelência, que podem ganhar maior ou menor força valorativa dependendo do contexto e objetivo de sua prática, pois podem ser considerados Valores DO Esporte com sentido positivo ou negativo. Não podemos perder de vista que o esporte é uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na interação de homens e mulheres na cultura, refletindo seus valores e gerando novos; sua forma e constituição associam-se aos objetivos atribuídos a ele. Nessa perspectiva, os valores não são essencialmente **DO** esporte, mas se refletem **NO** esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos e grupos sociais dão à prática esportiva. Podemos, a partir daqui, compreender os desdobramentos que implicam em discernir essas duas possibilidades interpretativas na relação Valores e Esporte: os Valores DO Esporte e os Valores NO esporte.

É tradição nas instituições esportivas eleger valores para constituírem seus princípios norteadores da prática. O exemplo mais clássico são os *Valores Olímpicos* – Excelência, Fair Play, Persistência, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Participação. Temos outros exemplos neste setor, como o do Comitê Olímpico Canadense que elegeu os valores de Excelência, Alegria, Honestidade, Respeito, Desenvolvimento Humano, Liderança e Paz. Pretende-se que tais valores sejam “carregados” pelo esporte, a partir do momento em que se estabelecem planejamentos e ações em níveis normativo e ético para que esses sejam compreendidos e identificados como Valores **DO** Esporte.

Da mesma forma, recentemente foi lançado pelo COI um novo megaevento esportivo com nítida sustentação na promoção de valores: Os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ). No ano de 2010 em Cingapura, durante doze dias de competição, vinte e seis esportes estarão sendo disputados por jovens atletas de 14 a 18 anos. Pressupõe-se que embora as competições mantenham o alto nível, o fato dos participantes serem jovens e ainda estarem em pleno desenvolvimento, possibilita um maior fortalecimento de valores. Pretende-se que os Jogos resgatem o caráter

cultural através de uma ampla programação, além da divulgação extensiva sobre os benefícios do esporte para uma vida saudável, os valores sociais que o esporte pode ajudar a promover, os perigos do doping, do overtraining e do sedentarismo, as preocupações com o meio ambiente, além da clássica promoção de valores Olímpicos.

### **Legado de Valores dos Jogos: dos "mega" aos "micro" eventos**

Claramente verificamos neste caso específico dos JOJ uma grande necessidade de ampliação do enfoque sobre Educação Olímpica nas escolas de forma que os valores não sejam passivamente apropriados, mas discutidos criticamente com os alunos para que se reflitam na prática através das aulas e da promoção de "micro" eventos esportivos, onde a variável "competição" aumenta a pressão sobre o desejo de vencer a qualquer custo (Gomes 1999). A esse respeito podemos estabelecer uma diferença entre a perspectiva da aprendizagem construtivista e da aprendizagem social para o desenvolvimento da moral a partir das indicações de Vieira (1993): na perspectiva construtivista as situações esportivas contribuem para que os praticantes esportivos pensem a respeito de valores e comportamentos, especificamente como eles constroem seu próprio entendimento pessoal, ao contrário da abordagem da aprendizagem social, em que se internalizam valores e os indivíduos criam concepções de moral (pessoal) a respeito do seu mundo social pela interação com os outros.

No contexto da Educação Olímpica, a abordagem da aprendizagem social se dá muito freqüentemente através de programas com enfoques puramente teóricos, trabalhos de explanações de instruções e lições acerca dos ideais olímpicos. Estes surtem efeitos geralmente conceituais e permanecem no limiar das propagandas, eventos nos moldes tradicionais das competições esportivas e desenvolvimento de valores universais predeterminados em normas de fair play desconsiderando os valores locais e multiculturais, assim como as reflexões que os alunos podem fazer a respeito dos temas Olímpicos (Gomes, 1999).

A partir dessa perspectiva Gomes & Turini (2004) procuram demonstrar que a Educação Olímpica precisa se caracterizar por uma proposta crítica e de abordagem construtivista "não de inculcar passivamente nos alunos, mas de refletir conjuntamente que esporte eles querem, a que conjunto de normas e regras escritas e ocultas devemos nos atrelar para que nossa convivência se torne não somente possível, mas prazerosa, não somente baseada na tolerância, mas no diálogo, na troca de experiências, na possibilidade da argumentação (...) A abordagem moral deve ser acima de tudo educativa, privilegiando a reflexão, a tomada de consciência de que agir moralmente é um ato de responsabilidade que envolve escolha".

Mais recentemente, realizamos uma pesquisa<sup>6</sup> envolvendo trabalhadores-atletas das indústrias que participam dos Jogos Regionais e Nacionais do Serviço Social da Indústria (SESI) com o objetivo de analisar o conteúdo das suas falas, buscando identificar os valores que eles espontaneamente atribuem ao esporte e à prática esportiva e a sua relação com a empresa. Os Jogos Nacionais do SESI acontecem de dois em dois anos e neste ano cerca de 800 trabalhadores-atletas de 160 empresas de todos os Estados brasileiros participaram. Os trabalhadores-atletas participam das fases municipais e regionais (que chegam a comportar cerca de 2.000 trabalhadores) e, quando classificados, competem nos Jogos Nacionais, podendo representar a fase Internacional com os Jogos da CSIT.

À semelhança dos ideais proclamados pelo Movimento Olímpico e que envolvem os Jogos Olímpicos, o SESI passou a conduzir suas ações relacionadas ao esporte de forma que os programas não se limitassem à competição em si, mas que trouxessem à tona e tornassem visível o potencial valorativo do esporte. Assim, a finalidade da pesquisa foi aprofundar de forma mais qualitativa o tema, visando instrumentalizar e legitimar as diretrizes do Projeto Valores do Esporte

---

<sup>6</sup> Valores do esporte entre trabalhadores da Indústria. PNUD, SESI?

SESI, a partir de ações com sustentação em valores.

A inovação que se deu neste enfoque foi de priorizar os valores que os próprios trabalhadores atribuíam ao esporte enfatizando a noção do esporte como atividade humana, de sentidos subjetivos e produzidos nas inter-relações, a partir da constatação que o esporte agrega valor à vida do trabalhador e da empresa. Logo, neste caso, a promoção dos valores partiu da concepção de Valores **NO** Esporte, consolidando a perspectiva de valorização pessoal e de ações que pudessem ter como foco e meta a responsabilidade social, considerando também a ampliação da participação a partir da inclusão pela diversidade. Pela primeira vez assistimos a eleição de valores protagonizada pelos próprios atores: os trabalhadores-atletas.

A pesquisa contou com 85 trabalhadores-atletas (60 homens e 25 mulheres) das regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul. O método utilizado foi a análise de conteúdo de tipo classificatório, procedendo-se à repartição do geral para o particular: distribuição do quantitativo por sexo e região e, em seguida, tabulação das categorias de valores por questão, obedecida pelos critérios de análise temática e frequencial. A análise categorial "pretende tomar em consideração a totalidade de um 'texto' passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência da presença (ou de ausência) de *itens* de sentido" (Bardin, 2004). Dessa forma, pudemos reunir "em gavetas" elementos temáticos de significação que constituem a mensagem, agrupando-os segundo suas características em comum, incidência e valoração. As categorias foram sendo criadas conforme a leitura progressiva das falas, priorizadas no seu aspecto não induzido da entrevista, mas espontâneo.

Em perspectiva geral, para os trabalhadores-atletas os dez valores mais desenvolvidos pelo esporte e pelas competições esportivas estão assim definidos em frequência: amizade entre companheiros e intercâmbios (56); união, família, espírito de equipe (31); respeito (28); determinação, força de vontade (23); visibilidade, sair do anonimato (22); superação, competitividade (16); saúde, disposição (13); qualidade de vida, bem estar (12); oportunidade de emprego (11). Verificamos que para as mulheres, especificamente, a visibilidade, o reconhecimento é um fator importante relacionado à prática esportiva, aparecendo em segundo lugar já que ela traz a possibilidade de sair do anonimato. Entre os homens, a visibilidade apreze em quinto lugar.

Podemos inferir que os três primeiros valores mais votados no total de atletas (amizade, espírito de equipe e respeito) são afetivos e relacionais, ou seja, estão diretamente vinculados à melhora da relação com o outro a partir da prática esportiva. Os próximos três valores (determinação, visibilidade e superação) são valores individuais de desenvolvimento de qualidades ou vantagens pessoais. Os três seguintes, para efeito de relevância da análise, são relativos à manutenção da vida e à qualidade e possibilidade de existência (saúde, qualidade de vida e oportunidade de emprego).

## **Conclusão**

O legado de valores dos Jogos Olímpicos é comumente visto como intangível por sua característica imaterial. Entretanto, podemos demonstrar através de pesquisas qualitativas e de percepção de que forma esses valores se refletem considerando diferentes escalas e níveis de participação esportiva, como "micro" eventos esportivos. Nos resultados da pesquisa Valores do Esporte, trabalhadores apontam, definitivamente, para uma análise sobre o desenvolvimento de valores pela prática esportiva numa perspectiva muito mais dinâmica e rica, assim como é a experiência das inter-relações humanas mediadas pela cultura. Percebemos que os valores subjetivamente apontados pelos trabalhadores-atletas, como a amizade e a integração, embora adquiram um caráter individual e subjetivo nas falas particulares das entrevistas, tornaram-se, talvez até imperceptivelmente, valores sociais, ao ganharem força no discurso coletivo. Aqui percebemos uma forte inclinação ao sentido de valores **NO** esporte onde há uma convergência de

sentimentos e interesses produzidos pelas necessidades e desejos particulares desse grupo.

Por outro lado, há uma grande frequência na indicação do *espírito de equipe*, que é associado comumente a valor **DO** esporte. No entanto, mesmo considerando o espírito de equipe como um valor **DO** esporte, ele só se torna um valor desse grupo social na medida em que é de fato reconhecido e concordado pelos seus membros individuais, frente à harmonia de interesses, fortalecendo o sentimento de grupo, de identidade e de pertencimento – a existência de pontos em comum que os unam – o que o classifica como um valor social.

Podemos arriscar uma interpretação sobre o legado axiológico dos Jogos Olímpicos Modernos como uma nova forma de compreender e resgatar o sentido clássico de Olimpíada como o espaço de quatro em quatro anos entre duas celebrações de Jogos Olímpicos. Neste caso, esse tempo não somente deveria estar restrito às condições materiais, estruturais e físicas que envolvem os Jogos, como atualmente nos defrontamos, mas ganhando sentido permanente pelas ações destinadas aos valores do esporte para desenvolvimento humano e social, fazendo-se presente nos diferentes campos e níveis de ações esportivas e competitivas, dos “mega” aos “micro” eventos.

### **Referências:**

- CAILLÉ, A. (1994). The Concept of fair play. Bulletin Olympic Congress: The centennial. Lausanne: IOC.
- DACOSTA, Lamartine P. (1989) **Valores e Moral Social no Brasil**. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- DACOSTA, Lamartine P. (2006). A Never-Ending Story: the Philosophical Controversy over Olympism. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 33, p. 157 – 173.
- GOMES, Marta C. (1999). Solidariedade e Honestidade: os fundamentos do fair-play entre adolescentes escolares. In TAVARES, O. & DACOSTA, L. (Eds.) **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- GOMES, Marta C. & TURINI, Marcio. (2004). Esporte, Ética e Intervenção no Campo da Educação Física (2004). In TOJAL J.; DACOSTA, L. & BERESFORD, H. (Orgs.). **Ética Profissional na Educação Física**. Rio de Janeiro: Shape.
- RADCLIFFE-BROWN (1973), A.R. Tabu: estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Vozes,
- TAVARES, Otávio. (1999). Algumas reflexões para uma rediscussão do *Fair play*. In TAVARES, Otávio; DA COSTA, Lamartine (Orgs.) **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- VIEIRA, José L. (1993). Avaliação do Desenvolvimento Moral de Adolescentes em relação a Dilemas Morais da Vida Diária e da Prática Esportiva. Dissertação de mestrado. Santa Maria: UFSM.
-